

Ser socorrense é beber água da fonte Pompéia, da fonte São Bento, e continuar a desejar beber da fonte Santa Maria uma outra vez.

Ser socorrense é despertar às cinco da manhã nos dias 13, 14 e 15 de agosto para acompanhar a Corporação Musical Santa Cecília nas Alvoradas festivas e entrar na fila para ganhar um cartucho de doces.

Ser socorrense é ler um livro aproveitando as sombras do Paço Municipal, é reclamar das pedrinhas portuguesas da calçada mesmo sabendo que elas são mais bonitas que os blocos de concreto retangulares.

Ser socorrense é correr em direção ao coreto após a missa para ouvir a retreta da Banda, é aplaudir a Congada de São Benedito e bater o pé com a Catira.

Ser socorrense é fotografar os ipês no final do inverno, é saborear os morangos com creme, é carregar o andor de Nossa Senhora na procissão do dia 15.

Ser socorrense é passear na feira, é amar o verdadeiro croquete do Bar Seleta mesmo sem saber sua receita secreta. Ser socorrense é comer pipoca na Praça da Matriz enquanto o grupo musical oferece um concerto noturno.

Ser socorrense é aplaudir as garças na beira do rio, é encontrar as capivaras sob a ponte arcada além do escorregador do Doutor Maneco, é competir na voz com as maritacas do jardim de baixo.

Ser socorrense é andar no meio da rua, é esquecer de dar a seta ao dobrar a esquina, é parar sob o sol para prosear com um parente não tão distante assim.

Ser socorrense é ser acudido na Santa Casa, é prestigiar os ballets e teatros no Centro Cultural, é comer o morango orgânico da Praça do Fórum.

Ser socorrense é tomar o quentão na festa da Marechal, é andar na roda gigante na festa do Asilo, é repartir a calabresa do Lar Dom Bosco.

Ser socorrense é cantarolar a “Estância de Socorro” de Pedro Ferragutti, é saber de cor a letra de Aluísio Douglas Ferrari, é não saber o verdadeiro nome da Rua do Expresso.

Ser socorrense é ter ouvido falar do Capitão Roque de Oliveira Dorta, do Padre Savério Marsicano, do Coronel Olímpio Gonçalves dos Reis e do Professor Fritz Ney.

Ser socorrense é ter lido a obra de João Baptista Ferraz, apreciado a obra de José Peretto e descobrir a obra prima dos jacás de bambu.

Ser socorrense é também ter compaixão e reconhecer a importância dos tipos populares, da Dita Batata, do Adão Costela, do Milho Verde, do Totico, João Fontana, da Luísa do Saco, do Um Real e da Laza Saboeira.

Ser socorrense é louvar o nhanduti, o tricô, o crochê, mas é também tatear os tijolos, as porcelanas, as cerâmicas e os troncos que o rio nos traz.

Ser socorrense é ter em casa uma obra da Dona Ida Bérghamo, uma miniatura do portal, um ícone da Nossa padroeira.

Ser socorrense é prestigiar o Vermelho e Branco, o cordão sem tradição mais tradicional no carnaval, os tambores da falange, é ajudar o rei momo a alcançar as chaves das mãos do prefeito naqueles dias.

Ser socorrense é também carregar o Cristo morto na procissão da Sexta Santa com a funesta trilha sonora da matraca.

Ser socorrense é temer e respeitar o Rio do Peixe, o córrego do Barroirão e o Ribeirão dos Machados.

Ser socorrense é orgulhar-se em ter a ponte mais antiga do Estado de São Paulo em concreto armado, a mais alta torre de igreja do interior à época de sua ereção, o ramal mais útil da Mogiana para o escoamento de café até a década de 1960.

Ser socorrense é tomar o café premiado, comer o bolo de fubá moído na pedra antiga, soprado o chá feito com a erva doce que cresce no quintal da nossa avó.

Ser socorrense é comer um quilo de pão de queijo do Sartori, é conhecer todos os sorvetes do estabelecimento de cem anos, é queimar a língua com frescal derretido do pastel central.

Ser socorrense é ouvir o coral retumbando na Matriz, é já ter ouvido falar do repique dos sinos feito pelo “Tutu”, é não deixar cair no esquecimento os fogos de artifício do Zé da Rocha e os andores da Dona Belarmina e Dito do Mestre.

Ser socorrense é honrar o talento de Aymar Barghini, é lembrar dos anos gloriosos do Clube Xv, da Associação e do Clube União. Ser socorrense é lembrar do timbre da Maria Sílvia Baladi nos microfones dos carnavais, da eloquência e memória de Vilma Oliveira Santos Simões e da responsabilidade histórica da Professora Elza Martha Fontana.

Ser socorrense é lutar pelo reestabelecimento das fanfarras, do patrocínio aos grupos de viola caipira, da erudição dos festivais de inverno.

Ser socorrense é já ter provado o creme de bar do Seu Irineu, as compotas da Dona Jandira, os docinhos da Dona Sibila, os bolos da Família Frucchi, as bolachinhas da Eduarda Peretto, a paçoca do Seu Albino, mas ser socorrense também é degustar a cachaça feita na Mantiqueira.

Ser socorrense é assinar, perpetuamente, o Município e, ainda, descobrir que “festa e sol” não estão apenas numa letra de hino.

Sou agora, e ainda mais que nunca, socorrense.